

# VIVENDO COM A HANSENÍASE - EXPERIÊNCIAS, SIGNIFICADOS E PERCEPÇÕES

## LIVING WITH HANSENÍASE: EXPERIENCES, MEANINGS AND PERCEPTIONS

Vanessa Pereira Lima<sup>1</sup>

Valéria de Araujo Soares<sup>2</sup>

Jaqueline D` Paula Ribeiro Vieira Torres<sup>3</sup>

Luana Souza Torres<sup>4</sup>

Gabriel Duarte Paulino<sup>5</sup>

Ticiane Dias Prado<sup>6</sup>

Henrique de Castro Reis<sup>7</sup>

Josiane Steil Siewert<sup>8</sup>

Manuele Miranda Mafra Oliveira<sup>9</sup>

Ana Luiza Silva<sup>10</sup>

Mirela Lopes de Figueiredo<sup>11</sup>

Anáira Gisser de Souza Ribeiro<sup>12</sup>

- 
- 1 Faculdades Unidas do Norte de Minas Gerais (FUNORTE)
  - 2 Faculdades Unidas do Norte de Minas Gerais (FUNORTE)
  - 3 Faculdades Unidas do Norte de Minas Gerais (FUNORTE)
  - 4 Centro Universitário FipMoc (UNIFIPMOC AFYA)
  - 5 Centro Universitário FipMoc (UNIFIPMOC AFYA)
  - 6 Faculdades Unidas do Norte de Minas Gerais (FUNORTE)
  - 7 Centro Universitário FipMoc (UNIFIPMOC AFYA)
  - 8 Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
  - 9 Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)
  - 10 Faculdade de Saúde e Humanidades Ibituruna (FASI)
  - 11 Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)
  - 12 Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)



Ana Paula Ferreira Maciel<sup>13</sup>

Marlete Scremin<sup>14</sup>

Mateus Sena Lima<sup>15</sup>

Daniela Fagundes Souto<sup>16</sup>

Diego Edson de Oliveira<sup>17</sup>

Taysa Cristina Cardoso Freitas<sup>18</sup>

Nayara Jane Ferreira Soares<sup>19</sup>

**Resumo:** O presente estudo objetivou conhecer as experiências, significados e percepções de pacientes com hanseníase. Trata-se de um estudo descritivo, exploratório com enfoque qualitativo. O cenário de estudo foi uma Policlínica, localizada em Minas Gerais, referência em tratamento de hanseníase. Os dados foram produzidos por meio de entrevistas individuais com um roteiro semiestruturado, a análise dos dados possibilitou identificar quatro categorias temáticas: Percepções a cerca do conhecimento sobre a hanseníase; A descoberta da hanseníase; Vivendo com a Hanseníase e Conviver com hanseníase em sociedade. Identificou-se assim que a percepção dos pacientes sobre o significado e o conhecimento acerca da hanseníase é superficial e limitado, no entanto, o conhecimento deficitário não interferiu na crença do tratamento resolutivo e cura da doença. Pode-se perceber também que o diagnóstico tardio ainda se faz presente na descoberta da hanseníase e que questões psicológicas, emocionais, sociais e físicas apresentam impacto direto na vida dos pacientes.

**Palavras chave:** Hanseníase; Percepção; Estigmas.

---

13 Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

14 Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE)

15 Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

16 Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

17 Centro Universitário FipMoc (UNIFIPMOC AFYA)

18 Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

19 Faculdade de Saúde e Humanidades Ibituruna (FASI)



**Abstract:** The present study aimed to know the experiences, meanings and perceptions of patients with leprosy. This is a descriptive study, exploratory qualitative approach. The study was a polyclinic, located in Minas Gerais, reference in the treatment of leprosy. The data were produced through individual interviews with a screenwriter, semi-structured data analysis made it possible to identify four thematic categories: perceptions about the knowledge about leprosy; the discovery of leprosy; living with leprosy and live with leprosy in society. Identified that the perception of patients about the meaning and knowledge about leprosy is superficial and limited, however, the knowledge deficit did not interfere in the belief of the treatment and cure of disease resolutive. One can understand that late diagnosis is still present in the discovery of leprosy and psychological issues, emotional, physical and social feature direct impact in the lives of patients.

**Keywords:** Leprosy; Perception; Stigmas.

## INTRODUÇÃO

A hanseníase é uma doença infectocontagiosa de evolução crônica, de grande importância para a saúde pública devido à sua magnitude e seu alto poder incapacitante, acometendo principalmente a faixa etária economicamente ativa. Atinge a pele e os nervos periféricos, mas também se manifesta como uma doença sistêmica que compromete articulações, olhos, testículos, gânglios e outros órgãos. (Brasil, 2019)

Considerando o tempo de existência dessa doença, a hanseníase parece ser uma das enfermidades mais antigas que acometem o homem e ainda continua sendo um problema de saúde pública no país, que ocupa a segunda posição de país mais endêmico no mundo. (Alves et al, 2023) Além disso, a Organização Mundial de Saúde (OMS) considera o Brasil como o maior contribuinte da carga sanitária da doença nas Américas. (OMS, 2009)

Os casos de hanseníase no Brasil tiveram redução de 37,1% em um período de dez anos. No



ano de 2007, foram diagnosticados 40,1 mil casos da doença. Já em 2016, esse número foi reduzido para 25,2 mil casos. (Brasil, 2018) Em grande parte do Brasil o diagnóstico ainda é tardio, cerca de um ano e meio a dois anos após o início do aparecimento dos sintomas. Consequentemente, aproximadamente 5,7% das pessoas que são diagnosticadas com hanseníase já apresentam lesões sensitivas e/ou motoras, deformidades e incapacidades que poderiam ser prevenidas. A presença dessas lesões pode contribuir ainda mais para acentuar os estigmas e valores preconceituosos que permeiam em nossa sociedade. (Boigny et al, 2020)

Desde a antiguidade, a hanseníase, tem sido considerada uma doença contagiosa, mutilante e incurável, provocando uma atitude preconceituosa de rejeição e discriminação de seu portador, sendo este, normalmente, excluído da sociedade. (Brasil, 2021) Esta situação é originada basicamente em função da generalizada falta de informação por parte da população ao seu respeito. (Silva et al, 2020)

Desde os relatos bíblicos até ao período da modernidade, a hanseníase foi descrita como uma doença que causava horror devido à aparência física do doente não tratado – lesões ulcerantes na pele e deformidades nas extremidades, associada aos estigmas mais diversos. Estas marcas presentes nas feridas e nos membros desfigurados do doente e incorporadas à sua identidade lançou a doença no lado mais obscuro da sociedade. (Maciel 2024)

Nessa perspectiva, a combinação do preconceito social, da limitação funcional e do sofrimento humano que acompanham a hanseníase explica por que a doença é mais temida do que outras, inclusive doenças fatais. (Passos et al, 2020)

É relevante destacar que o conhecimento do senso comum é mantido pela cultura, ao longo do tempo, e serve para guiar a tomada de decisões dos membros da sociedade, suscitando um retrocesso na percepção sócio-cultural da doença. (Mendes et al, 2020) Nesse contexto, o presente estudo objetivou conhecer as experiências, significados e percepções de pacientes com hanseníase.



## MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório com enfoque qualitativo. O cenário de estudo foi uma Policlínica, localizada em Minas Gerais, referência em tratamento de hanseníase.

A pesquisa foi composta por onze participantes, definidos por saturação teórica. (Minayo, 2010) Os critérios de elegibilidade foram: pacientes maiores de 18 anos; com estado cognitivo preservado; atendidos e cadastrados na Policlínica em estudo.

Os dados foram coletados por meio de uma entrevista semi-estruturada individual contendo questões acerca da caracterização e perfil social dos entrevistados, bem como três questões norteadoras: 1) Qual o significado da hanseníase para você? 2) Quais experiências (positiva/negativas) que você vivenciou após o diagnóstico? 3) Conte-me das suas relações interpessoais após o diagnóstico das doenças.

Antes de iniciar as entrevistas os pacientes foram esclarecidos sobre a pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para registro das falas foi utilizado um gravador digital e as identidades dos participantes foram resguardadas pelo uso da palavra entrevistado e um número de identificação conforme a sequência cronológica da coleta dos dados. Para o tratamento dos dados, foi realizada a transcrição das gravações, posteriormente, realizou-se a análise de conteúdo do tipo temática. (Minayo, 2010)

A pesquisa foi autorizada por meio da assinatura do Termo de concordância da instituição participante. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa das Faculdades Unidas do Norte de Minas com parecer substanciado nº 235146.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fizeram parte da pesquisa onze participantes, na qual seis eram do sexo masculino; em relação à idade, três tinham entre 20 a 40 anos, seis entre 40 a 60 anos, e dois tinham idade acima de 60 anos.



No que se refere à situação laboral; três eram aposentados, dois trabalhavam em atividades rurais, dois eram donas de casa, um era babá, um era pedreiro, um era estudante e um não quis revelar sua ocupação.

Dos pacientes pesquisados, seis possuíam renda mensal de até um salário mínimo, os demais possuíam renda superior a este valor. Quanto à escolaridade, três concluíram o ensino médio, três possuíam ensino fundamental incompleto, dois cursaram o ensino fundamental completo, dois eram analfabetos e apenas um estava cursando o ensino superior.

A análise dos dados possibilitou identificar quatro categorias temáticas por similaridade semântica: Percepções acerca do conhecimento sobre a hanseníase; A descoberta da hanseníase; Vivendo com a Hanseníase e Conviver com hanseníase em sociedade.

### **Percepções a acerca do conhecimento sobre a Hanseníase**

A hanseníase é uma doença infecto-contagiosa, de desenvolvimento lento, causada pelo *Mycobacterium leprae*, se manifesta principalmente através de sinais e sintomas dermatoneurológicos - lesões na pele e nos nervos periféricos, principalmente nos olhos, mãos e pés. O homem é considerado a única fonte de infecção da hanseníase e a transmissão dá-se de uma pessoa doente não tratada, que elimina o bacilo para o meio exterior pelas vias aéreas, contagiando pessoas susceptíveis. (Brasil, 2022)

Buscando conhecer a percepção dos entrevistados a cerca do conhecimento sobre a hanseníase, foram encontrados:

“Sei que é uma bactéria que afeta a pele, e se não tratar vira lepra.” (E1)

“Umhas manchas brancas que dá no corpo, e com dormência nas manchas.” (E4)

“[...] O que eu sei é só o que se diz na bíblia.” (E3)

“Conheço sobre nada dela não, entendo praticamente nada.” (E2)

“Ah, não sei, eu não conheço essa doença, eu não sei.” (E6)



Por meio dos relatos pode-se perceber conhecimento inexistente e limitado sobre a hanseníase, fato preocupante, uma vez que, a falta de conhecimento da população ou o conhecimento precário retarda a procura ao serviço de saúde, contribuindo para o diagnóstico tardio e mantendo as fontes de infecção, que por sua vez aumentam o número de casos. Do inverso quanto melhor informados pacientes, familiares e amigos, menores as manifestações de discriminação. (Santos et al, 2022)

De acordo com as recomendações do Pacto pela Saúde, deve-se fazer a divulgação de informações atualizadas sobre a hanseníase, e isso caberá às três esferas de governo trabalhar em parceria com as demais instituições e entidades da sociedade civil. A comunicação e a educação em saúde possibilita à sociedade um conhecimento maior sobre a doença, e são consideradas um dos componentes estruturantes do Programa Nacional de Controle da Hanseníase, compreendendo três eixos: ações de comunicação em saúde; educação permanente; e mobilização social. (Alves et al, 2023)

A hanseníase, ao longo de muito tempo, foi considerada incurável e mutiladora. Os doentes eram reunidos em locais isolados e distantes da convivência familiar. Atualmente, as pessoas acometidas por essa doença não necessitam mais de internação, no entanto, no passado, devido à inexistência de medicamentos eficazes, era imprescindível que o fizessem. Quando as pessoas eram diagnosticadas como “leprosas”, logo eram encaminhadas para grandes instituições, longe das cidades, onde praticamente nunca mais saíam, esses locais eram denominados “leprosários”. (Silva et al, 2020)

Sabe-se que hoje a hanseníase tem tratamento e cura, e o tratamento é realizado gratuitamente em todo o território nacional e este é eminentemente ambulatorial, variando de seis meses a um ano, e em poucos casos, há necessidade do paciente passar dois anos em tratamento. (Santos et al, 2022)

Nos serviços básicos de saúde, administra-se, uma associação de medicamentos, a poliquimioterapia (PQT/OMS), constituída pelo conjunto dos seguintes medicamentos: rifampicina, dapsona e clofazimina, com administração associada. A PQT/OMS elimina o bacilo e evita a evolução da doença, prevenindo as incapacidades e deformidades por ela causadas, levando à cura. A alta por cura é dada após a administração do número de doses preconizado pelo esquema terapêutico, dentro do prazo recomendado. (Alves et al, 2023)



Em relação á perspectiva de tratamento e cura da doença, os entrevistados mostraram-se confiantes e esperançosos.

“Sim, acredito, tem cura sim.” (E3)

“Tem, tem cura sim.” (E7)

“Eu nem só acredito como já estou sentindo que já estou curado.” (E5)

“Já estou sendo curada.” (E10)

A confiança no tratamento e na cura da hanseníase pelos pacientes é um aspecto positivo e importante, na qual também foi identificado em um estudo publicado por Cid et al. (2022) Entretanto, um dos entrevistados se mostrou pouco seguro e com dúvida quanto à crença na cura da hanseníase.

“[...] Vamos ver né. [...]. Quem sabe né.” (E9)

As principais razões para se detectar e iniciar o tratamento precocemente é a meta de erradicação da doença e a prevenção de sequelas e incapacidades motoras, pois essas incapacidades são as principais causas do estigma que envolve a hanseníase e, este somente será minimizado se as pessoas adquirirem conhecimento sobre a doença e, principalmente, se tornarem conscientes da existência de cura. (Santos et al, 2022)

## **A descoberta da Hanseníase**

O diagnóstico da hanseníase é essencialmente clínico e epidemiológico, realizado por meio da análise da história e condições de vida do paciente, do exame dermatoneurológico, para identificar lesões ou áreas de pele com alteração de sensibilidade e/ou comprometimento de nervos periféricos (sensitivo, motor e/ou autonômico). (Alves et al, 2023)

Um caso de hanseníase positivo é considerado quando a pessoa apresenta uma ou mais de uma das seguintes características e que requerem quimioterapia: lesão(ões) de pele com alteração de sensi-



bilidade; acometimento de nervo(s) com espessamento neural; e baciloscopia positiva. (Brasil, 2022)

O diagnóstico dessa doença, em grande parte do Brasil, ainda é tardio e alguns fatores podem influenciar essa realidade, tais como: a falta de informação sobre sinais e sintomas, a dificuldade de acesso do indivíduo ao serviço de saúde, atendimento e/ou profissionais não capacitados para detectar a doença. (Boigny et al, 2020)

Em consonância com a afirmação, alguns participantes relataram dificuldades para diagnosticar a doença, devido a confusão com outras patologias, culminando em maior tempo de descoberta e imprecisão no diagnóstico.

“Houve dificuldade, porque fiquei muito tempo fazendo os exames, exame de reumatismo, exame de alergia, e a doutora disse que eu tinha alergia.” (E6)

“Dificuldade é que a gente vai a um médico e ele não está lidando com esse tipo de doença, então ele não tem essa sensibilidade de achar que doença é aquela.” (E11)

No entanto, alguns depoimentos divergem da afirmação acima, a qual podem ser observados:

“Não, não dificuldade não, a descoberta foi rápida.” (E3)

“Não, não houve dificuldade.” (E5)

“Não, não houve dificuldade não, tudo que fiz o biópsia, saiu o resultado.” (E10)

A hanseníase pode ser confundida com outras doenças dermatológicas ou neurológicas, que apresentam sinais e sintomas semelhantes aos seus. Portanto, deve ser feito diagnóstico diferencial em relação a essas doenças. (Brasil, 2019) Além disso, por ter um tempo longo de incubação, há dificuldade no fechamento do diagnóstico, acarretando gastos desnecessários de tempo e dinheiro, além de lentidão no tratamento, o que pode gerar maior contaminação e possibilidades de aparecimento de seqüelas. (Brasil, 2022)



## Vivendo com a Hanseníase

A hanseníase causa grande prejuízo para a vida diária e as relações interpessoais, provocando sofrimento que ultrapassa a dor e o mal estar estritamente vinculados ao prejuízo físico, com grande impacto social e psicológico. (Barcelos et al, 2021)

Ao descobrir e conviver com a doença, sentimentos como medo, temor pelo preconceito, tristeza e preocupação frente à transmissão permearam a vida de grande parte dos entrevistados, no entanto, alguns relatam ter reagido normalmente. Dessa forma, os sentimentos se mesclam desde ao sofrimento a indiferença.

“[...] Eu fiquei com medo.” (E10)

“A gente fica mais preocupado com a família da gente, se a gente transmitiu [...]” (E11)

“Fiquei normal é uma doença fraca, não mata rápido, essa doença não é perigosa, pra mim não.” (E8)

“Ah, tem gente que tem muito preconceito, acha que pega e tem medo de ficar perto da gente.” (E4)

Os sentimentos vivenciados demonstram comprometimento psíquico dos pacientes e instabilidade emocional. A hanseníase deve ser vivenciada de modo semelhante ao de outras doenças curáveis. Caso ocorra impacto psicológico, tanto o quem adoeceu quanto aos familiares ou pessoas de sua rede social, necessitará de uma abordagem apropriada pela equipe de saúde, que permita a aceitação do problema, superação das dificuldades e maior adesão aos tratamentos. Essa atenção deve ser oferecida no momento do diagnóstico, bem como no decorrer do tratamento da doença e, se necessária, após a alta. (Alves et al, 2023)

De acordo com os entrevistados, algumas rotinas diárias não foram alteradas, no entanto, percebeu-se também impactante mudança que chegou a gerar incapacitação profissional.

“[...] Não mudou nada não, [...]. Só uso medicamento todo dia.” (E3)

“Não mudou nada, [...], a minha vida continua do mesmo jeitinho, sem pro-



blema nenhum, trabalho, pratico esporte, vou em todos os lugares sem problema nenhum” (E5)

“Mudou que eu não posso trabalhar, com as dores nos dedos [...]” (E6)

Resultado semelhante com a fala anterior foi encontrado em estudo realizado por Santos e Pardo, na qual alterações físicas decorrentes da doença podem levar à incapacidades profissionais e impossibilitar a realização das atividades de vida diária, o que afeta diretamente a qualidade de vida dos doentes. (Nascimento et al, 2020)

O comprometimento dos nervos periféricos é a característica principal da doença, dando-lhe um grande potencial para provocar incapacidades físicas que podem, inclusive, evoluir para deformidades. Estas incapacidades e deformidades podem acarretar alguns problemas, tais como diminuição da capacidade de trabalho, limitação da vida social e problemas psicológicos, que são também responsáveis pelo estigma e preconceito contra a doença. (Brasil, 2022)

As identificações das eventuais incapacidades físicas dos pacientes são importantes para a orientação de uma prática regular de auto cuidado e, para que possam ser tomadas medidas de prevenção e tratamento de incapacidades e de deformidades. (Brasil, 2022) A principal forma de prevenir a instalação de deficiências e incapacidades físicas é o diagnóstico precoce. (Alves et al, 2023)

### **Conviver com hanseníase em sociedade**

No passado, até em meados de 1940, não existiam instituições de saúde para acolher os doentes acometidos pela hanseníase e estes continuavam em suas residências, com suas famílias. Assim, costumavam-se construir pequenas casas, ou quartos separados, em que os doentes pudessem permanecer e receber as refeições, roupas, medicações, entre outros, de forma que não saíssem deste local e pudessem colocar em risco a vida dos familiares e das pessoas da comunidade. (Silva et al, 2020)

Ao longo da história da hanseníase, a sociedade vem assumindo posturas conforme a informação adquirida sobre a doença. O conhecimento atual sobre a hanseníase é mais difundido no meio social



do que no passado, porém ainda existem estigmas relacionados à doença. (Santos et al, 2018)

Para investigar a relação dos pacientes entrevistados com a família, amigos e sociedade questionou-se a eles a convivência com a família e amigos após o diagnóstico da doença.

Muitos disseram que receberam ajuda e apoio tanto das famílias quanto dos amigos. Entretanto, houve falas que demonstraram claramente a presença de preconceito da família e de amigos e também, relatos de retração social e omissão de diagnóstico pelo paciente:

“A minha família reagiu super bem, me deu o maior apoio, principalmente minha família e no trabalho também.” (E5)

“As únicas pessoas que ficaram do meu lado foram os meus filhos, mais ninguém. As pessoas que eu mais gostava afastaram de mim, não queriam tomar água no copo que eu tomava, correram de mim com medo da doença ser transmitida para eles. [...]. Já sofri preconceito de várias pessoas, de meus amigos, das pessoas que estão comigo, do meu parceiro que ficou com medo que pegava, ficou com nojo de mim. Tudo isso aconteceu na minha vida, foi muito triste.” (E2)

“Eu arrumei até uma namorada, depois que falei com ela que eu estava com esses problemas ela terminou comigo.” (E6)

“Eu não falei pra ninguém, até os remédios estão escondidos lá em casa.” (E8)

“Eles ficaram um pouco cismados [...].” (E10)

“Eu acho que eu me retraí, até mais um pouco do que eles mesmo. Procurei assim, ficar mais quieto uns dias, antes de tomar o remédio [...].” (E11)

No enfrentamento da doença, o apoio da família é de grande importância, sendo imprescindível para o encorajamento da sua condição de saúde, inclusive para o tratamento. Por outro lado, pessoas acometidas pela hanseníase podem omitir o diagnóstico da doença e tendem ao isolamento social. (Costa et al, 2021)

A ocultação da doença ocorre, principalmente, em virtude do medo dos portadores de viverem situações de preconceito e exclusão. Essa atitude pode motivar o isolamento social como defesa e proteção contra o sofrimento. (Costa et al, 2021)

Vencer o preconceito social, inclusive dos próprios portadores, que tendem a se automarginalizar, é o grande desafio associado à hanseníase. (Santos et al, 2022) Percebe-se que mesmo com os



avanços ocorridos no diagnóstico, controle e tratamento da hanseníase, ainda é nítido o preconceito, provocado pelo medo e pelas rejeições por parte da sociedade. (Gouvêa et al, 2020)

O preconceito existe principalmente devido à carência de conhecimento da população sobre a doença, tratamento e cura, e principalmente pelo estigma criado na antiguidade, pois era uma doença que causava total exclusão social, o portador deveria ser confinado em hospitais-colônia, em que era afastado completamente de familiares e amigos. (Santos et al, 2022)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo possibilitou identificar que a percepção dos pacientes sobre o significado e o conhecimento acerca da hanseníase é superficial e limitado, no entanto, o conhecimento deficitário não interferiu na crença do tratamento resolutivo e cura da doença.

Pode-se perceber também que o diagnóstico tardio ainda se faz presente na descoberta da hanseníase e que questões psicológicas, emocionais, sociais e físicas apresentam impacto direto na vida dos pacientes. Partindo desse pressuposto verificou-se a grande importância do apoio familiar no acompanhamento e tratamento da doença, no qual para a maioria dos entrevistados tiveram presentes.

No entanto, mesmo com o apoio referido pelos participantes e as mudanças que tiveram ao longo dos anos acerca da percepção social da hanseníase, verifica-se ainda estigmas e preconceitos por parte de familiares, amigos e da sociedade.

Os achados deste trabalho demonstram a necessidade de abordagens educativas em saúde a fim de desmistificar conceitos inadequados e criar novos saberes a partir de educação continuada em saúde. Sendo assim, é preciso que práticas educativas eficientes sejam direcionadas ao paciente, e que haja ações voltadas para o diagnóstico precoce, eliminação e prevenção de incapacidades, evitando as morbidades próprias da hanseníase na vida do indivíduo. Os estigmas devem ser desmistificados com políticas de educação em saúde a fim de evitar o preconceito que ainda é tão presente no meio social.

Este estudo revelou dados importantes sobre a hanseníase que faz repensar a forma de abor-



dagem e assistência prestada á pacientes acometidos por essa doença. Porém, este assunto ainda é fonte de novos questionamentos, perspectivas e investigações futuras.

## REFERÊNCIAS

Brasil. Ministério da Saúde. Guia de Vigilância em Saúde: volume único. 3<sup>a</sup>. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2019.

Alves APF, Oliveira-Filho JEL, Gouveia ADM, Braga ASM, Tenório DMC, Cansanção VIMTC, et al. Perfil epidemiológico da Hanseníase no Brasil entre 2017 e 2022. *Brazilian Journal of Development*. v.9, n.5, p.15743–15753, 2023.

Brasil. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas da Hanseníase. Brasília: Ministério da Saúde, 2022.

Organização Mundial de Saúde (OMS). *Weekly Epidemiol Record*. 2009; 84 (33): 333-40.

Lopes RS, Nascimento ES, Coelho VAT, Coelho T, Souza CG, Bigatello CS, et al. Análise da Busca Ativa em Exames de Contato de Casos de Hanseníase no Município de Almenara-MG entre 2017-2021. *Id on Line Rev. Psic*. v.17, n.66, p.240-252, 2023.

Brasil. Ministério da Saúde. Campanha contra a hanseníase é lançada em todo o Brasil; saiba mais sobre a doença. 2018. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/saude/2018/01/campanha-contra-a-hanseníase-e-lancada-em-todo-brasil-saiba-mais-sobre-a-doenca>>

Boigny RN, Souza EM, Ferreira AF, Cruz JR, García GSM, Prado NMBL, et al. Falhas operacionais no controle da hanseníase em redes de convívio domiciliar com sobreposição de casos em áreas endêmicas no Brasil. *Epidemiol. Serv. Saúde*. v.29, n.4, p.1-14, 2020

Brasil. Guia de Vigilância em Saúde. 5.ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2021.

Silva AM, Rodrigues AVP, Carneiro JPO, Luz KA, Araújo RL. Análise de estigmas sociais que influenciam na vida de indivíduos com hanseníase. v.23, n.2, p.42-43, 2020.



Maciel L. A Hanseníase ao longo da história. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/ccs/especiais/hanseníase/hanseníase5.htm>>.

Passos ALV, Araújo LF. Representações sociais da Hanseníase: um estudo psicossocial com moradores de um antigo hospital colônia. *Interações*. v.21, n.1, p.93-105, 2020

Mendes RNP, Lisboa MAS, Sena JSC, Miranda EM, Santos TJ, Silva NTS, et al. Assistência do enfermeiro frente ao paciente com Hanseníase: revisão narrativa. *REAEnf/EJNC*. v.4, n.1, p.e3787, 2020.

Minayo MC. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12ª ed. São Paulo: Hucitec; 2010. 408p.

Santos TPP, Botelho TA, Santos GPO, Oliveira RF, Mendes TBB, Andrade KOL, et al. Os impactos do estigma e preconceito nos portadores de Hanseníase: uma revisão integrativa de literatura. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*. v.15 n.4, p.1-10, 2022.

Melo LC, Meiado AC, Andrade VLG, Virmond MCL. Hanseníase e testes diagnósticos rápidos: desafios e gestão de ciência, tecnologia & inovação em saúde. *SANARE*. 2023;22(1):60-66.

Brasil. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico. Secretaria de Vigilância em Saúde. Número Especial. 2022

Nascimento ES, Cardozo PA, Souza CG de, Coelho VAT. Sentimentos emergentes nos portadores da Hanseníase ao anúncio do diagnóstico. v. 14 n.49, p.686-697, 2020.

Barcelos RMF, Sousa GS, Almeida MV, Palacio FGL, Gaíva MAM, Ferreira SMB. Qualidade de vida de pacientes com Hanseníase: uma revisão de escopo. *Rev. esc. enferm. USP*. v.55, n.1, p., 2021

Santos ALS, Pereira IV, Ferreira AMR, Palmeira IP. Percepções de portadores de Hanseníase sobre as reações hansênicas e o cuidado de si. *Rev Pan-Amaz Saude*. v.9 n.4, p.37-46, 2018.

Costa RMPG, Mendes LCB, Santos GPG, Almeida JS. Percepções de pessoas com sequelas pela Hanseníase acerca do autocuidado. *Enferm Foco*. 2021;12(3):567-74.



Gouvêa AR, Martins JM, Posclan C, Dias TAA, Pinto-Neto JM. Interrupção e abandono no tratamento da hanseníase. Braz. J. Hea. Rev., Curitiba, v. 3, n. 4, p. 10591-10603, 2020.



